

NOVOS DISPOSITIVOS, VELHA DOMINAÇÃO NEW DEVICES, OLD DOMINATION

Lucyane De Moraes¹

Resumo: No mundo atual criou-se uma suposta ideia de “cultura democrática” capaz de influir na construção de uma sociedade igualitária, baseada tão-só na possibilidade do acesso à produção em massa. Como se sabe, tal ideia se viabiliza mediante procedimentos intensivos de propaganda que agem não como meio para a resolução de necessidades inerentes à vida, mas, principalmente, como um intrincado mecanismo voltado para a criação de necessidades desnecessárias determinadas por uma realidade aparente que atua na esfera da subjetividade humana de forma integrada. A expressão desta estandardização manifesta por meio de ícones e imagens fabricadas tende a eliminar as peculiaridades das várias esferas da vida social nas modernas sociedades de troca, devido em parte a uma recepção comprometida de tecnologia alheia a sua própria determinação construtiva, por meio da qual a humanidade, supostamente, alcançaria um estágio tal que possibilitaria organizar a sociedade em outros termos. Se no contexto atual ainda persiste a impossibilidade - real ou não - de formular a crítica teórica a esse estado de coisas, reside aí a necessária continuidade da Teoria Crítica vista sob uma abordagem nova, considerando a sua efetiva contribuição como algo ainda não cumprido.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Tecnologias digitais, Ética, Alteridade.

Abstract: Nowadays, a certain idea of “democratic culture” was established with the property of enabling a more egalitarian society, solely based on access to mass production. This idea, as is known, is made possible through intensive advertising procedures not attributed as a means aimed at resolving vital needs, but, especially, as a complex mechanism aimed at creating unnecessary needs determined by an apparent reality that acts within the scope of human subjectivity in an integrated way. This standardization, as expression, presented through icons and factory images tends to eliminate the particularities of different instances of social life in the modern exchange relationship societies, due in part to a compromised reception of technology indifferent to its own constructive condition, whereby the humanity would reach such a condition that would, perhaps, make it possible to organize society in a different way. If the impossibility - real or not - of formulating theoretical criticism of this state of affairs still persists today, therein lies the necessary continuity of Critical Theory from a new approach, considering its effective contribution as something not yet fulfilled.

Keywords: Critical Theory, Digital Technologies, Ethics, Otherness.

¹ Doutora em Filosofia (UFMG/UERJ); estudiosa dos fenômenos socioculturais ligados à recepção crítica das recentes tecnologias digitais, com enfoque na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. cinetoscopio@yahoo.com.br

A razão tecnicamente habilitada

Desde a primeira metade do século XIX é possível identificar o surgimento de uma ideia de técnica inteiramente dependente da ciência, sendo essa ideia no pós-guerra impulsionada por avanços significativos ocorridos no plano econômico em países então tornados politicamente hegemônicos. Enquanto ideia de progresso e desenvolvimento é esse juízo que irá estabelecer as bases para aquilo que se denomina atualmente como tecnologia.

Se o século XIX foi aquele que originou a concepção de ciência moderna, igualmente, pode-se dizer que no século XX se prefigurou a separação entre esta e a reflexão filosófica, determinando questões de ordem ética que vem desde então pondo em cheque a relação entre técnica e humanismo. Como consequência, o século XXI vive os processos técnicos de forma irrefletida, tal contradição teve como base procedimentos ideológicos que culminaram na transformação do próprio significado daquilo que - em termos comuns - se entende por tecnologia, para além da aplicação de dados científicos circunscrita às sociedades produtivas.

Refere-se com isso a um conceito de tecnologia caracterizado pela repetição mecânica de padrões que favorecem a instituição de universos consensuais responsáveis pela reificação de valores voltados para a percepção estática das realidades - via meios tecnológico-comunicacionais - com evidente objetivo de igualar subjetivamente expectativas de consumo, invertendo a própria lógica da produção em massa e sua consequente distribuição: da produção de necessidades a necessidades de produção.

Dito de outro modo, tal ideal de desenvolvimento tecnológico criou uma concepção de mundo determinada por necessidades às quais, sem qualquer precisão, não se pode mais deixar de ter, decorrendo daí a real importância de se refletir em termos críticos, não somente sobre a esfera tecnológica, mas, igualmente, sobre o conceito de ética, com vistas a um desenvolvimento de sociedade que possa em termos de vivência ir além do consumo condicional de artefatos industriais por assim dizer sempre-os-mesmos. Do consumo de necessidades a necessidades de consumo.

Por outro lado, dizer que a reflexão filosófica na contemporaneidade não tem dado a ênfase necessária à imperativa questão da técnica não é absolutamente algo fora de propósito, principalmente, se considerada a ideia de um mundo cada vez mais definido tecnologicamente pela esfera-meio. Essa irreflexão talvez se deva ao fato de o conhecimento filosófico, desde pelo menos o seu advento como disciplina formal, ter se voltado mais para conteúdos por

assim dizer de caráter espiritual - sob uma perspectiva mesmo hierárquica -, menos ligado a razões objetivas e imediatamente práticas da vida comum, embora isso não explique o todo.

Como tudo o que respeita à dialética, não se pode ignorar que esse fato se deve em muito à primazia de um pensar científico que desde sempre foi sobreposto às demais formas de conhecimento, com indiscutível destaque para aquelas atinentes à esfera subjetiva. Enquanto um fato, esse “desde sempre” deve ser imputado tanto às consequências da revolução científica dos séculos XVI ao XVIII quanto à revolução industrial do século XIX, responsáveis em grande parte pelo estabelecimento de um ideal de mundo lógico criado sob bases exclusivamente objetivas, lastreado por uma ideia de tecnologia em tudo afastada dos interesses de indivíduos médios que a experimenta com pouca capacidade crítica.

A questão em tela adquire relevo ainda mais crítico se pensado o fato de que nas sociedades de hoje se vive, sem qualquer questionamento, estados que insinuam condições absolutas de conforto. Tudo isso sob a forte impressão de uma espécie de era tecnológica que propicia não só uma ideia aparente de bem estar social, mas de ampla liberdade, principalmente individual.

Para uma Teoria Crítica à altura dos desafios atuais

Se for verdade que na contemporaneidade o interesse filosófico eliminou a técnica como objeto de pensamento crítico, isso deve ser causa de espanto, principalmente se considerado o fato incontestado de que sua reflexão, em termos éticos, remonta pelo menos à filosofia antiga. Configurando campos diferentes de atuação, em relação à ética e à técnica atenta-se para o fato de que à primeira é atribuída a dimensão daquilo que «deve» ser feito, considerando a pertinência que rege e determina, no caso, o uso ou não do aparato tecnológico, conforme um critério de necessidade. Em oposição, ao segundo campo diz respeito ao que se «pode» fazer, considerando unicamente sua relação funcional e eficaz em conformidade com a medida de sua própria competência.

Em outras palavras, «dever» e «poder» resumem a diferença daquilo que regula a necessidade ou não do uso racional da tecnologia, frente à simples capacidade de fazê-lo, tendo como critério absoluto a ideia de eficácia, para além de seu aspecto racional, sendo racionalidade a faculdade cognitiva para distinguir o verdadeiro - ou seja, o necessário - do falso. Não é por outra razão que a vivência da dimensão técnica isenta de reflexão causa estranhamento, sobretudo, considerando a óbvia constatação de que nas sociedades

contemporâneas a vida se encontra inteiramente mediada por dispositivos industriais tecnológicos, devidamente assimilados, inclusive, no âmbito do senso comum *de todas* as classes, como meio de inserção social *para todas* as classes.

Sob essa ótica, uma ideia de tecnologia que tem por base a mera disposição e poder para efetivar qualquer coisa, termina por incidir em algo que estabelecido em sentido estrito, se torna não um objeto para o uso humano e sim exatamente o seu contrário. A tecnologia, então, deve ser a razão de um saber que se determina estritamente pelo objeto ao qual se aplica, estabelecida em seus próprios limites, mediante aquilo que se atribui enquanto ética.

Deve-se, por essa e por outras, discutir enfaticamente a relação entre técnica e sociedade, levando em conta a condição de «minoridade» da humanidade frente a um instrumental ético considerado como fundamental para a sua própria existência, uma vez que, em um contexto mais amplo, as necessidades sociais parecem tender a uma posição de apêndice das relações de consumo, transformando o consumo de necessidades em seu contrário, atrelado a interesses alheios àqueles de sentido necessariamente desinteressados.

Baseada em uma realidade por assim dizer virtual, o que se percebe é que a apologia da esfera tecnológica se deve em muito a uma ideia parcial de progresso econômico instituída em termos próprios e de forma contrária à própria ideia de progresso. Identificada com padrões hierárquicos de reflexão, a tecnologia urdida para fins abstratos tem como notório fundamento a adequação das consciências a tarefas adstritas às esferas dominantes, caracterizada como um meio para a universalização de mecanismos de adaptação a interesses específicos.

Devido ao caráter desde sempre positivo atribuído à tecnologia em sentido abstrato, pode-se ver ainda hoje o quanto o pensamento crítico sobre ela se afigura não somente como questão de sentido absoluto, mas, sobretudo, como algo impermeável à recepção social, devidamente comprometido em termos hegemônicos. Em outras palavras, somada à ausência de contradição, absolutizada em seus próprios termos a reflexão sobre a *logia* da técnica passa a contrariar aquilo que encerra a sua própria acepção etimológica circunscrita ao grego antigo, caracterizada, como já visto, enquanto esfera de «capacidade», ou seja, de tornar possível a criação de soluções próprias mediante um *logus* próprio.

A seu turno, cabe à dimensão humana a tarefa de estabelecer um sentido crítico que norteie as formas de adesão à tecnologia, capaz de ir além das oferendas sedutoras propostas de modo impositivo pelas culturas hegemônicas, considerando o fato de que o modelo tecnológico vigente representa a ausência de contradição que o homem almeja enquanto

segurança. No que tange à condição heterônoma do espírito crítico sob a égide de tal modelo, pode-se dizer que a promessa técnica encerra o potencial nunca atingido de autonomia humana.

Dito de outra forma, a adesão acrítica à tecnologia tem sua raiz na própria ausência de contradição que em tudo caracteriza a sociedade ungida pelo capital e se coaduna em tudo com o espírito médio que vige no senso comum, constituída como remédio para antigos males. É então sob o primado tecnológico que a sociedade forjada para o consumo inverte a relação entre coisa e indivíduo, modificando a própria concepção daquilo que se entende por avanço técnico, dando a este um sentido não-humano e de retrocesso.

E justamente ao suprimir a relação entre técnica e humanismo, tal modelo acaba por determinar a relação sujeito-objeto no sentido mais banal imaginado, tornando o primeiro uma extensão de aparatos tecnológicos metamorfoseados em verdadeiras próteses humanas. Circunscrito tanto pelo campo da ação quanto por suas especificidades desenvolvidas, é mediante um olhar de sentido necessariamente humanista que se deve postular a ideia de que ética e técnica compartilham de um mesmo *logos*, mediado por uma mesma razão indissociável: a necessidade.

Ocorre que, sendo essa uma categoria estabelecida por força das fragilidades humanas e não sendo a técnica algo - por assim dizer - neutro, é imperativo continuar a refletir sobre tal relação em sentido crítico, sendo esse sentido justificado pelo fato de que uma ideia duvidosa de mundo fundado no bem estar tecnológico foi inventada para aqueles a quem o verdadeiro benefício do desenvolvimento tecnológico sempre foi uma necessidade real e premente, voltada para a solução de problemas os mais básicos. Sendo a necessidade uma categoria inerente à incompletude humana, a superação de seu estado básico, rudimentar, será sempre uma expressão maior de racionalidade, garantindo aos indivíduos a possibilidade de completude que a dinâmica da sociedade sustentada para o capital sempre negou.

Na sociedade modelada pelo sistema de produção de mercadorias, a ideia de necessidade será por princípio sempre algo oposto àquilo que ela manifesta de modo aparente, definida somente em termos de contradição, justificando a proposta de uma nova abordagem crítica. Isso posto, parece mais apropriado analisar a sociedade por meio de suas condições materiais, definindo o conceito de necessidade em termos concretos. Ou mais especificamente, como forma mediada da relação estabelecida entre ética e técnica, uma vez que a ideia de mediação é aquilo que permite criar a real relação entre duas coisas.

A pertinência de uma análise marxista da realidade continuada

Sobre a importância de pensar a ideia de necessidade como elemento de mediação, vale assinalar que será a partir do século XIX que a questão poderá ser melhor compreendida, considerando inclusive as contraditórias relações entre economia, política, técnica e humanidade, entre outras - mediadas pelo advento de máquinas e ferramentas -, bem como a sua persistência na atualidade, sendo esses alguns dos temas que remetem diretamente à condição de vida nos dias de hoje.

Assim é que Marx - ao realizar a crítica às alianças estabelecidas entre técnica, política, economia e processos de industrialização - procura entender tais relações desde as suas origens, buscando nas primeiras formas de organização humana os alicerces teóricos para a fundamentação de sua crítica à sociedade do capital. Em sua obra - considerada máxima - chama também a atenção para a análise da esfera técnica no âmbito dos agrupamentos humanos mais primitivos, bem como do desenvolvimento de seus processos de utilização enfocando a relação entre ferramenta e máquina, referindo-se a primeira como máquina simples e a segunda como ferramenta composta, significando dizer que um tear operado pelas mãos do homem é uma ferramenta, enquanto que, por exemplo, um arado puxado por animais é uma máquina.

Em outras palavras, a partir do momento em que um utensílio utilizado pelo homem é substituído por um mecanismo surge, então, em lugar de uma simples ferramenta, uma máquina, valendo lembrar que não existe aí uma relação de causa e efeito que determina necessariamente a precedência da primeira em relação à segunda, pois, como lembra Marx, a utilização da força animal, enquanto uma das principais forças motrizes preexistentes é uma das mais antigas invenções da humanidade.

Assim como a água, o vapor, o vento e etc., quando apropriados para uso humano em processos produtivos tornaram-se forças naturais do trabalho social, esse mesmo fenômeno ocorrido com as forças da natureza também se deu em relação à ciência, culminando com a própria máquina, enquanto meio característico de produção, criando máquinas por meio da utilização de máquinas.

Não é por outra razão a afirmação de Marx referente ao fato de uma máquina isolada permanecer de “tamanho anão” enquanto movida somente por seres humanos. Para além de uma visão prospectiva, o filósofo também afirma que desde a utilização do braço como ferramenta do organismo humano até o advento da máquina como ferramenta de um grande

mecanismo, identifica-se a necessidade de uma “criação da mão humana” para consumir produtivamente forças da natureza.

Significa dizer que apesar de o homem se caracterizar como um instrumento imperfeito de produção de movimento contínuo e uniforme, e que os princípios do trabalho subjetivo sejam suprimidos na produção mecanizada, ainda assim, uma máquina - enquanto elemento simples da produção mecanizada, uniforme, contínua e emancipadora dos limites da força humana - continua sendo a “ressurreição mecânica” de uma ferramenta manual transformada em aparelho mecânico: uma máquina-ferramenta, ou em outras palavras, uma máquina de trabalho dependente em algum nível da assistência humana.

Conforme Marx “não é do trabalho, mas, do meio de trabalho, que a máquina se origina” (1983: 12), ou seja, que o meio de trabalho é metamorfoseado em máquina (*agentes mudos*), equivalendo dizer que sua produtividade é medida pelo grau em que as mesmas substituem a força de trabalho humano, assinalando diferentes modos de produção, de acordo com diferentes meios de produção.

No entanto, considerada especialmente como meio de barateamento de mercadorias, o que determina o uso de máquinas vem a ser o que ela produz, devendo custar menos trabalho do que o trabalho que ela substitui, ou, melhor dizendo, que o *quantum* de trabalho necessário para a produção das máquinas seja menor do que aquele por ela substituído. E indo além, ao refletir sobre a determinação econômica da tecnologia superposta às condições humanas do trabalho em geral, Marx complementa: “A maquinaria também revoluciona radicalmente a mediação formal das relações do capital, o contrato entre trabalhador e capitalista” (1983: 23).

Voltando à questão, é justo esse mencionado modelo de contrato, precarizado em termos absolutos, que tem sido imposto às sociedades unânimes para representar a ideia de progresso tecnológico acalentada pela promessa compulsória de avanço social, invariavelmente contrário àquilo a que se determina. Mais afeito a desígnios que contrariam o que supostamente é dado como necessidade, é clara a percepção de que tal modelo de sociedade tecnológica se coaduna em tudo com o modelo da sociedade de trocas, do dito livre comércio imposto àqueles que por condição e sentido de adaptação tampouco são livres.

É sob essa perspectiva que ainda hoje a aceção mais corriqueira sobre a tecnologia não é outra senão aquela que é definida pelo senso comum como máquina, ferramenta, etc., culminando com os últimos dispositivos eletrônicos, inteligentes e interativos vigentes - todos tidos como mágicos -, podendo tal ideia de tecnologia ser concebida como um

mecanismo ideal de tecnificação do próprio pensar. Como analogia de um pensar para além da razão que mais se reporta à lógica da máquina.

Em busca de novas formas de resistência

Sob uma perspectiva histórica, vale reafirmar que esse fenômeno não é uma prerrogativa das modernas sociedades quantificadas, uma vez que o mesmo, em menor ou maior escala de desenvolvimento, pode ser identificado desde a Antiguidade. Como exemplo, pode-se mencionar o denominado papiro 3033 de Berlim, também conhecido como *Papiro Westcar*, contendo o mais antigo conjunto de contos já reunidos em todo o Egito. Escrito em hieróglifos por volta de 1650 antes de nossa era, o pergaminho registra, entre outros, inúmeros procedimentos por assim dizer técnicos - todos tidos como mágicos - atribuídos às cortes de faraós como Queóps e Sneferu, destacando a invenção de máquinas, animais construídos com cera e caixas encantadas de alabastro, entre outros feitos extraordinários que incluem tanto a separação da cabeça de um ganço de seu corpo quanto das águas de um lago, posteriormente postos de volta em seus devidos lugares.

Entre tantas e quantas ocorrências desde a Antiguidade, não é sem razão pensar que mesmo em uma época na qual as precariedades do mundo determinavam um grau muito menos acentuado de conhecimento, a relação entre indivíduo e técnica parece não ter se dado de forma tão conflituosa como na era moderna, apesar da aparente harmonia forjada por organizações representantes dos mais variados interesses que, não por acaso, se coadunam em tudo com os desejos da sociedade.

Tal fato pode ser caracterizado pelo evidente estado das relações econômicas, políticas e sociais ainda hoje, principalmente, em sociedades tidas como as mais avançadas, onde a predominância do capital interliga de forma direta a tecnologia às armas de destruição em massa, exemplo esse que, contraposto à acepção marxista da técnica como ideal de progresso, tem contribuído para tornar mais evidente o estado de deterioração do mundo entregue aos ditames do capital, aliás, simbolizado pela quase sempre trágica condição humana dos indivíduos no universo mitológico da Grécia antiga, presente na mitologia dramatúrgica e em escritos filosóficos de então.

Enquanto alegoria, essa condição imposta aos indivíduos modernos reporta ao antigo mito do Prometeu acorrentado por grilhões de bronze, em seu eterno estado forçado. Ocorre que, se o dom do fogo-saber (*techne*) roubado de Zeus e entregue por ele aos humanos visava

superar a precária condição de minoridade daqueles, no entanto, de forma contrária essa dádiva acabou por torná-los verdadeiramente indefesos, tendo em vista a incapacidade (*atechne*) de lidar com o conhecimento autônomo de forma independente, gerando um estado próprio de dependência causado pela utilização acrítica da técnica.

De modo análogo à Grécia de antanho, parece que se vive ainda hoje uma fantasia de realidade manifesta por uma ideia virtual de liberdade técnica, quando, em verdade, resume uma liberdade real de impotência. Por não saber explicar pela razão a razão dos objetos técnicos, torna-se impossível então relacioná-los às suas causas e muito menos agir sob um pressuposto ético.

Como na antiga tragédia de Ésquilo, parece ser essa a moral trágica da humanidade moderna - igualmente atada ao bronze símbolo do capital - em sua eterna condição de refém frente a um conhecimento do qual ela não domina. Do mesmo modo que a dialética sempre quer dizer algo duplo, pode-se aludir ao fato de que no mundo antigo a necessidade de superação das insuficiências humanas foi o princípio determinante para o surgimento da ideia de especialização das atividades, tendo no aspecto técnico o fundamento para o processo de cooperação recíproca entre os indivíduos na sociedade.

Se uma ideia de sociedade baseada em necessidades de consumo repousa no ideal de uma classe burguesa no século XVIII, vale lembrar que, na atualidade, as mesmas ideias oriundas desse liberalismo burguês ainda influenciam as concepções política e social do Ocidente, com fortes reflexos no universo da cultura. Entre outras razões, concorre para isso a produção material de um sempre-o-mesmo: “como o novo no contexto do que sempre existiu” (Benjamin, 2018: 1393), para a satisfação de necessidades sempre as mesmas de indivíduos em iguais condições, produção essa fundada na ideia de sociedade unitária formada por uma multidão de indivíduos coletivos.

Assim como no sonho em que o desejo não se realiza, também, a *esperança-aparência* do capital de promover a felicidade dos indivíduos encerra uma promessa de racionalidade nunca cumprida, uma vez que tal ideia de futuro é estabelecida nos moldes acríticos do passado. Deste modo, estando o desejo também no passado, o indivíduo busca no presente a satisfação na mera necessidade de entreter-se como uma forma compensatória da promessa não cumprida, promessa essa, aliás, constituída sob a égide de ultimados dispositivos tecnológicos.

A partir da reflexão sobre os modos e relações de produção no mundo contemporâneo, baseada na dialética entre técnica e humanismo, fica a pergunta: será possível dar sentido concreto à utopia do desenvolvimento técnico como meio de potencialização do humano?

Permanece em aberto a questão, à espera da real possibilidade de uma ideia própria de tecnologia ser concebida como criação de novas soluções contrárias à resolução de problemas antigos. Na imanência futura se encontra a possibilidade utópica de pensar uma ideia de tecnologia dimensionada à medida do humano, deslocada de seu cadinho econômico para outro de âmbito social.

Referências (obras citadas e relacionadas)

ADORNO, Theodor. *A filosofia muda o mundo ao manter-se como teoria*. Entrevista, Der Spiegel, nº 19. In: Lua Nova, Revista de Cultura e Política, nº 60. São Paulo, 2003.

_____. *Crítica de la cultura y sociedade I*. Madri: AKAL, 2008.

_____. *Marx está superado?* In: Opções de Esquerda. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

DE MORAES, Lucyane. *Theodor Adorno & Walter Benjamin: em torno de uma amizade eletiva*. São Paulo: Edições 70, 2023.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Textos teatrais para download - Versão digital. Disponível em: www.oficinadeteatro.com

FRASE, Nancy. *Reconhecimento sem ética?* In: Lua Nova, Revista de Cultura e Política, nº 70. São Paulo, 2007.

FROMM, Erich. *Do ter ao ser*. São Paulo: Manole, 1992.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como 'ideologia'*. São Paulo: UNESP, 2014.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. *Teoria crítica: uma documentação*. Tomo I. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARX, Karl. *O Capital*. Volumes I-III. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

WELLMER, Albrecht. *Sobre la dialéctica de modernidad y posmodernidad: la crítica de la razón después de Adorno*. Madri: Editorial Machado Libros, 2004.

Data de submissão: 20/07/2024

Data de aprovação: 18/10/2024